



Trabalhos Científicos

Título: Sífilis Congênita: O Cenário De Uma Maternidade Do Interior Paulista.

Autores: Patricia Rodrigues Naufal Spir / UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA; Victorya Santos Montes / UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA; Thais Fernanda Menossi Torres / UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA; Beatriz Galvão de Souza e Silva / UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA; Andrea Regina Morini Gomes / HOSPITAL REGIONAL; Patricia Regina Prudencio da Silva / HOSPITAL REGIONAL; Giuliano Tavares Tosello / UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA;

Resumo: A sífilis congênita é agravo evitável, desde que a sífilis gestacional seja diagnosticada e tratada oportunamente. Entre janeiro de 2010 e junho de 2019, o Brasil registrou cerca de 297.000 casos de sífilis em gestantes e 162.000 casos de sífilis congênita. No mesmo período, foram notificadas 11.480 mortes fetais precoces e tardias, atribuídas à sífilis congênita. A sífilis congênita é uma doença com amplo espectro clínico e pode se manifestar desde as formas assintomáticas ou oligossintomáticas até as formas graves, com quadros sépticos, óbitos fetais e neonatais. A maior parte dos casos de sífilis congênita é decorrente de falhas na testagem durante o pré-natal ou de tratamento inadequado ou ausente da sífilis materna. Este trabalho descreve as características dos recém-nascidos com sífilis, nascidos no ano de 2020, atendidos em uma maternidade pública do interior paulista. Neste período, foram realizados cerca de 940 partos. Trata-se de um estudo transversal retrospectivo com avaliação dos recém-nascidos com sífilis congênita, identificados a partir do resultado de teste treponêmico materno com resultado reagente realizado no momento do parto. No ano de 2020, identificamos 59 gestantes com diagnóstico de sífilis confirmado, selecionadas pelo teste rápido para sífilis reagente no momento do parto. Destas, 4 (6,7%) evoluíram para aborto- natimorto e 2 (3,4%) tiveram gestação ectópica. Identificamos 53 (89,8%) nascidos-vivos, sendo 23 (43,3%) expostos ao *Treponema pallidum* e 30 (56,6%) recém-nascidos com critérios para diagnóstico de sífilis congênita, sendo investigados e tratados de acordo com o protocolo vigente no Estado de São Paulo. Dos recém-nascidos com diagnóstico de sífilis congênita, 50% (n=15) nasceram assintomáticos. Entre os recém-nascidos sintomáticos (n=15; 50%), os principais sintomas identificados foram: icterícia (n=8), baixo peso (n=4), prematuridade (n=7). Não identificamos hepatomegalia, esplenomegalia, anemia e rinite serosanguinolenta nos recém-nascidos com sífilis congênita analisados neste estudo. Em relação aos exames laboratoriais, identificamos VDRL positivo em sangue periférico em 63% (19/30) dos recém-nascidos avaliados. Coletaram líquido 96,6% (n=29) dos recém-nascidos, sendo diagnosticados 9 casos de neurosífilis (30%). Destes, 100% apresentaram alteração de células/proteínas. Em 2 dos casos, a alteração líquórica foi identificada em recém-nascidos assintomáticos. Não identificamos nenhum caso de VDRL reagente no LCR dos recém-nascidos deste estudo. Entre os recém-nascidos avaliados, 100% realizaram radiografia de ossos, sendo 2 (6,6%) apresentaram alterações em radiografias de ossos longos, sendo 1 caso, em recém-nascido assintomático. Não identificamos recém-nascidos expostos ao HIV nesta amostra. Todos os recém-nascidos com sífilis foram tratados e encaminhados para seguimento ambulatorial. Apesar dos esforços, a sífilis congênita ainda permanece como grave problema de saúde pública.